



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – ICH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – HIS

MARLOS MUHAMMAD LIMA GASPAR

**DEMOCRACIA E SOCIALISMO EM CUBA DE FIDEL CASTRO E NO CHILE DE
SALVADOR ALLENDE**

BRASÍLIA

2025

MARLOS MUHAMMAD LIMA GASPAR

**DEMOCRACIA E SOCIALISMO EM CUBA DE FIDEL CASTRO E NO CHILE DE
SALVADOR ALLENDE**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade monografia apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Paulo Ferreira Nogueiról.

BRASÍLIA

2025

MARLOS MUHAMMAD LIMA GASPAR

**DEMOCRACIA E SOCIALISMO EM CUBA DE FIDEL CASTRO E NO CHILE DE
SALVADOR ALLENDE**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade monografia apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em História.

Aprovado em 26 de junho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Paulo Ferreira Noguez

Prof^a. Dra. Albene Miriam Menezes Klemi

Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes

BRASÍLIA

2025

AGRADECIMENTOS

– Ao Senhor, o Único e Verdadeiro Deus, conforme está escrito no nobre Alcorão: “Ele é Allah. Não existe deus senão Ele, O Sabedor do invisível e do visível, Ele é O Misericordioso, O Misericordioso. Ele é Allah. Não existe deus senão Ele, O Rei, O Puro, A Paz, O Confortador, O Predominante, O Todo-Poderoso, O Transcendente, O Orgulhoso. Glorificado seja Allah, acima do que idolatram! Ele é Allah, O Criador, O Iniciador da criação, O Configurador; d'Ele são os mais belos nomes. O que há nos céus e na Terra glorifica-O. E Ele é O Todo-Poderoso, O Sábio.”

(Alcorão 59:22–24).

– Ao Prof. Dr. Luiz Paulo Ferreira Nogueiról, pela orientação dedicada neste TCC, sempre demonstrando conhecimento e razoabilidade, estando disponível para esclarecer dúvidas e oferecer observações que contribuíram significativamente para o desenvolvimento e a conclusão bem-sucedida desta breve e delimitada monografia.

– À Prof.^a Dra. Albene Miriam Menezes Klemi e ao Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes, pela gentileza em aceitar o convite para compor a banca examinadora e pela leitura atenta da monografia, cujos comentários e sugestões foram valiosos para a revisão e o aprimoramento da versão final deste TCC.

– Aos autores citados, cujas obras constituíram base fundamental para a compreensão dos eventos históricos abordados. As citações, tanto diretas quanto indiretas, permitiram maior precisão nas informações relativas a personagens, datas, acontecimentos e outros aspectos relevantes.

RESUMO

O objetivo geral desta monografia é analisar brevemente o porquê do regime político socialista ter triunfado em Cuba e fracassado no Chile em relação a permanência no poder. Foram formuladas duas hipóteses que vieram a ser confirmadas pela banca examinadora e que se aplicam ao caso de Cuba: o socialismo real não foi compatível com a liberal democracia moderna adotada em parte dos países capitalistas; e a implantação e manutenção de um regime socialista, do tipo marxista-leninista, foi um ato autoritário. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica para haver um maior embasamento teórico sobre a temática abordada. Já nas considerações finais foi exposta a resposta da questão problema formulada inicialmente e apresentada uma reflexão sobre temas relevantes do ponto de vista histórico e social como o conceito de democracia, tipos de socialismo e lideranças políticas.

Palavras-chave: *Via chilena* ao socialismo; Revolução Cubana; Fidel Castro; Salvador Allende; democracia.

ABSTRACT

The general objective of this monograph is to briefly analyze why the socialist political regime triumphed in Cuba and failed in Chile in terms of remaining in power. Two hypotheses were formulated, which were later confirmed by the examining board and which apply to the case of Cuba: real socialism was not compatible with the modern liberal democracy adopted in some capitalist countries; and the implementation and maintenance of a socialist regime, of the Marxist-Leninist type, was an authoritarian act. The methodology used was bibliographical research to provide a greater theoretical basis for the topic addressed. The final considerations presented the answer to the problem question initially formulated and presented a reflection on relevant topics from a historical and social point of view, such as the concept of democracy, types of socialism and political leadership.

Keywords: Chilean path to socialism; Cuban Revolution; Fidel Castro; Salvador Allende; democracy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 METODOLOGIA.....	09
3 JUSTIFICATIVA.....	10
4 ELEMENTOS DA REVOLUÇÃO CUBANA.....	11
4.1 Fidel Castro e o início de uma revolução.....	11
4.2 Fidel Castro e a democracia.....	14
5 A <i>VIA CHILENA</i> AO SOCIALISMO.....	17
5.1 Um início promissor.....	17
5.2 Um final trágico.....	19
6 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS DOIS REGIMES.....	23
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

1 INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XX foi marcada pela polarização entre os países capitalistas versus os países socialistas no que comumente é conhecido como Guerra Fria. A proposta socialista era uma ideologia universal que teoricamente poderia ser implantada em qualquer país do mundo. Porém, o socialismo realmente existente era muito diferente daquele idealizado pelos sociais-democratas do século XIX e foi marcado pela planificação da economia, estatização dos meios de produção, centralização do poder em um partido único, uso da repressão para combater movimentos políticos contrários e a supressão das liberdades individuais. Por estes e outros aspectos, os partidos de orientação socialista foram fortemente combatidos nos países capitalistas, especialmente na América Latina.

Mas, mesmo diante de circunstâncias políticas desfavoráveis, dois líderes latino-americanos considerados socialistas chegaram ao poder em seus respectivos países durante a Guerra Fria: Salvador Allende que governou o Chile de 1970 a 1973 e Fidel Castro que comandou Cuba de 1959 a 2008. O regime socialista criou bases políticas sólidas em Cuba e até o presente momento, 2025, ainda está no poder e exerce influência na vida de milhões de cubanos. Entretanto, no Chile o período do governo de Salvador Allende, a *via chilena* ao socialismo, foi comparativamente mais curto e durou apenas três anos.

Nestes dois casos específicos, fez-se necessário saber quais teriam sido os motivos do sucesso político do regime socialista em Cuba e do seu respectivo fracasso no Chile, sendo que “[...] os historiadores passam grande parte de seu tempo, por um lado, na busca das causas dos acontecimentos estudados por eles, e por outro, na determinação das mais importantes [...]” (PROST, 2012, p.54). Em Cuba, apesar do discurso, não parecia haver qualquer pretensão democrática por parte dos dirigentes e, especialmente, da parte de Fidel Castro. Já no Chile, apesar dos golpes de estado ocorridos no país desde a Independência, Salvador Allende era democrata e havia forças democráticas importantes com as quais o presidente poderia dialogar, apesar de ter sido derrubado pelos militares.

Assim sendo, surgiu um importante problema de pesquisa em relação aos casos cubano e chileno: por que o regime político socialista triunfou em Cuba e fracassou no

Chile em relação a permanência no poder? É a busca da resposta a esta interrogação que norteia e fundamenta esta monografia, pois “um problema de pesquisa supõe que informações suplementares podem ser obtidas a fim de cercá-lo, compreendê-lo, resolvê-lo ou eventualmente contribuir para a sua resolução.” (LAVILLE E DIONNE, 1999, p.88). E já é possível delinear duas hipóteses importantes sobre esta questão: o socialismo real não foi compatível com a liberal democracia moderna adotada em parte dos países capitalistas; e a implantação e manutenção de um regime socialista, do tipo marxista-leninista, foi um ato autoritário.

2 METODOLOGIA

Em relação a metodologia desta monografia, foi utilizada a pesquisa bibliográfica com a finalidade de reunir informações referentes ao tema e problema propostos para um maior embasamento teórico. Sendo que, conforme Prodanov e Freitas (2013, p.55), são essenciais, em relação aos seus objetivos, algumas etapas a serem seguidas para a realização da pesquisa bibliográfica: “1) escolha do tema; 2) levantamento bibliográfico preliminar; 3) formulação do problema; 4) elaboração do plano provisório do assunto; 5) busca das fontes; 6) leitura do material; 7) fichamento; 8) organização lógica do assunto; 9) redação do texto.”

Foram consultados documentos históricos e obras de autores que já discorreram sobre a temática desta monografia para a ampliação e aprofundamento do conhecimento a respeito, pois “No método histórico, o foco está na investigação de acontecimentos ou instituições do passado, para verificar sua influência na sociedade de hoje; considera que é fundamental estudar suas raízes visando à compreensão de sua natureza e função [...]”. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 36-37). Foram analisados documentos históricos do período abordado como o *Manifesto da Sierra Maestra*, o discurso *La Historia me absolverá*, o *Discurso da vitória* e o discurso proferido por Fidel Castro em 8 de janeiro de 1959. Nesse sentido, foi necessário examinar as palavras faladas ou escritas pelos personagens históricos, para se compreender o pensamento político deles, pois “[...] o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam.” (ORLANDI, 2005, p.42-43).

Entretanto, as duas hipóteses formuladas e válidas para os dois regimes políticos analisados podem não vir a ser confirmadas se aplicadas a outros modelos de regimes socialistas, pois haveria “[...] o risco de esbarrar no [...] “fator histórico”: as especificidades, as singularidades e as peculiaridades de sociedades distintas que, naturalmente, tendem a ser elididas quando se busca construir modelos explicativos com grande alcance de generalização.” (FICO, 2004, p.44). Ou seja, cada evento histórico é único e singular. Esta monografia é um breve estudo sobre dois casos de regimes políticos específicos delimitados no tempo e no espaço geográfico que são explicados de acordo com as fontes disponíveis e com a questão proposta: por que o regime político socialista triunfou em Cuba e fracassou no Chile em relação a permanência no poder?

3 JUSTIFICATIVA

A justificativa para o desenvolvimento do tema desta monografia é a consciência da importância da defesa e valorização da democracia. Democracia esta que foi derrubada no Chile, em 1973, por um golpe de Estado comandado pelo general Augusto Pinochet, e impedida de florescer em Cuba por Fidel Castro, logo após a Revolução Cubana. A democracia liberal, para ser considerada como tal, segundo o conceito adotado nos países ocidentais atualmente, é caracterizada por alguns princípios fundamentais básicos, tais como: eleições livres e justas, sufrágio universal, Estado de direito, liberdade de expressão e de imprensa, direitos civis e liberdades individuais, pluralismo político e transparência na prestação de contas por parte dos governantes. Foram justamente esses parâmetros que desapareceram no Chile com o fim do governo de Salvador Allende e que não existiram em Cuba, tanto antes quanto após a Revolução Cubana.

O tema desta monografia é de suma importância para compreendermos a necessidade da preservação da democracia, da independência e harmonia entre os três Poderes, além da prevenção contra a implantação de uma ditadura, cujas consequências seriam trágicas para os ideais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” — segundo o lema da Revolução Francesa de 1789 — e para o respeito aos direitos humanos fundamentais. É plenamente justificável analisar alguns aspectos do governo de Salvador Allende, no Chile, e elementos da Revolução Cubana sob a liderança de Fidel Castro, a fim de compreender os motivos que levaram ao fim prematuro do primeiro governo e à perpetuação do poder no segundo. Sabemos, retrospectivamente, com base em fatos concretos da realidade, que a maior vítima nessas duas histórias foi a própria democracia. Assim sendo, poderemos aprender com os erros do passado para compreender o presente e projetar uma sociedade futura mais justa, livre e próspera, sem trilhar, necessariamente, caminhos que possam levar ao despotismo e à autocracia.

4 ELEMENTOS DA REVOLUÇÃO CUBANA

4.1 Fidel Castro e o início de uma revolução

Fidel Castro, cujo nome completo é Fidel Alejandro Castro Ruz, nasceu em 13 de agosto de 1926 no pequeno povoado de Birán em Cuba. Foi um advogado, político e líder revolucionário que governou a República de Cuba pelo longo período de 1959 a 2008, ocupando inicialmente o cargo de primeiro-ministro e posteriormente o de presidente da república, vindo a falecer somente em 25 de novembro de 2016 aos 90 anos de idade. Por suas ações e permanência no poder tornou-se um dos grandes nomes do século XX.

É abordado neste capítulo alguns fatos sobre a vida política de Fidel Castro e que são essenciais para se compreender a dinâmica política do regime socialista cubano estabelecido por ele, Raul Castro, Che Guevara, Camilo Cienfuegos, Huber Matos, dentre outros líderes revolucionários. Um importante recorte histórico da Revolução Cubana iria do dia 1º de janeiro de 1959 quando Fidel Castro e os revolucionários assumem o poder até a Constituição de 1976 quando o regime político socialista é legalmente oficializado, pois “Com a realização do I Congresso do PCC em 1975 e a aprovação por referendo nacional, em 1976, de uma nova Constituição, a Revolução Cubana se institucionaliza.” (AYERBE, 2004, p.75). Mas, pode-se afirmar que na prática a Revolução Cubana teve início, simbolicamente, alguns anos antes quando Fidel Castro e um grupo de revolucionários protagonizaram uma tentativa frustrada de tomar bases militares e derrubar o governo ditatorial de Fulgêncio Batista:

Na madrugada do dia 26 de julho de 1953, na cidade de Santiago de Cuba, grupos rebeldes, liderados por Fidel Castro, tentaram tomar de assalto o Quartel Moncada, a segunda mais importante fortaleza militar do país. Como parte integrante dessa ação principal, outro grupamento rebelde atacava um posto militar de menor porte, o Quartel Carlos Manuel de Céspedes, localizado na cidade de Bayamo. As ações integradas tinham como finalidade dar início a um grande movimento revoltoso que pudesse culminar com a deposição do governo de Fulgencio Batista [...]. (PRADO, 2013, p.15).

O resultado desta tentativa fracassada de tomada do poder foi a condenação de Fidel Castro a 15 anos de prisão e a morte de dezenas de rebeldes. Entretanto, conforme Prado (2013, p.16), não foi o fim da luta, pois os envolvidos nos assaltos aos quartéis foram libertados pela Lei de Anistia Política de 15 de maio de 1955 e alguns deles exilaram-se no México:

[...] onde organizaram o Movimento 26 de julho, cujo nome rende homenagem à data da tentativa de assalto ao Quartel Moncada, e regressaram a Cuba em

dezembro de 1956 para dar continuidade à luta insurrecional que prosseguiu até o dia 1º de janeiro de 1959, quando os rebeldes conquistaram o poder, assinalando o triunfo da Revolução Cubana. (PRADO, 2013, p.16).

Um fato importante neste episódio é que não pode passar despercebido é a atuação de Fidel Castro na sua própria defesa perante o tribunal que o julgou e o condenou em decorrência desta trágica tentativa de chegar ao poder através da força das armas. Na ocasião, em 16 de outubro de 1953, ele proferiu um famoso e longo discurso conhecido como *La historia me absolverá*. Trata-se de uma enérgica defesa de suas propostas sociais e econômicas para o povo cubano e um ataque contra a tirania do governo de Fulgêncio Batista.

Suas ideias estão sintetizadas em “[...] cinco leis revolucionárias que seriam proclamadas imediatamente depois da tomada do quartel Moncada e transmitidas à nação pelo rádio.” (CASTRO RUZ, 2007, p.35, tradução nossa)¹. Apesar de no discurso Fidel Castro objetivar “[...] a conquista das liberdades públicas e da democracia política” (CASTRO RUZ, 2007, p.38, tradução nossa)² é pouco provável que suas metas fossem alcançadas sem o controle total do Estado pelos revolucionários e o exercício autocrático do poder. Principalmente, quando se tem em consideração a natureza das reformas propostas por ele. Na terceira lei revolucionária, por exemplo, estava previsto conceder “[...] aos trabalhadores e empregados o direito de participar em trinta por cento dos lucros de todas as grandes empresas industriais, comerciais e mineiras, incluindo as usinas de açúcar.” (CASTRO RUZ, 2007, p. 36, tradução nossa)³.

Será que em um regime político pluripartidário, liberal e democrático o patronato iria aceitar que os seus funcionários tivessem direito a tamanho percentual dos lucros de suas empresas? É pouco provável que sim. Em uma análise retrospectiva é possível observar que algumas das propostas de Fidel Castro já em 1953 feitas através do seu discurso de defesa, *La historia me absolverá*, perante o tribunal que o julgava era um forte indício do governo autoritário que ele futuramente iria implantar em Cuba. Neste caso, trata-se de uma ironia do destino que Fidel Castro tenha concluído o seu discurso lamentando a prisão e condenando a tirania:

1 No original: “[...] cinco leyes revolucionarias que serían proclamadas inmediatamente después de tomar el cuartel Moncada y divulgadas por radio a la nación.” (CASTRO RUZ, 2007, p.35).

2 No original: “[...] la conquista de las libertades públicas y la democracia política.” (CASTRO RUZ, 2007, p.38)

3 No original: “[...] a los obreros y empleados el derecho a participar del treinta por ciento de las utilidades en todas las grandes empresas industriales, mercantiles y mineras, incluyendo centrales azucareros.” (CASTRO RUZ, 2007, p. 36)

Quanto a mim, sei que a prisão será dura como nunca foi para ninguém, cheia de ameaças, de ruim e covarde ensinamento, mas não a temo, como não temo a fúria do miserável tirano que tirou a vida de setenta irmãos meus. Condene-me, não importa, a História me absolverá. (CASTRO RUZ, 2007, p. 90, tradução nossa).⁴

Entretanto, como dito anteriormente, Fidel Castro foi libertado da prisão em 1955, pois segundo Ayerbe (2007, p. 34) houve pressão da população cubana neste sentido e era do interesse de Fulgêncio Batista conferir uma atmosfera legal ao seu regime, sendo necessário então a libertação dos prisioneiros. Fidel Castro acabou indo para o México onde se dedica a organizar um novo grupo de combatentes para depois retornar a Cuba para lutar contra o regime despótico estabelecido:

Durante esse período, mantém permanente contato com a resistência clandestina no país, especialmente o Movimento 26 de Julho (M-26/07), cujo nome reivindica a data do assalto ao Moncada [...]. Além de articular a resistência interna, o M-26/07 começa a enviar ao México grupos de militantes que irão integrar o grupo que embarcará de regresso para iniciar a luta armada. A força expedicionária, composta de 82 homens, 78 cubanos, um argentino, um italiano, um mexicano e um dominicano, embarcará em 25 de novembro de 1956 a bordo do *Granma*, barco de transporte de turistas reformado, com capacidade para 25 pessoas. (AYERBE, 2007, p.34).

Finalmente, em dezembro de 1956, os revolucionários desembarcam do barco *Granma* em Cuba e dão início a uma nova e decisiva fase na luta revolucionária e guerrilheira para derrubar o regime político vigente considerado corrupto, arbitrário e subserviente aos EUA. Entretanto, segundo Ayerbe (2007, p.38), apesar dos problemas sociais enfrentados pelos cubanos como a pobreza e precariedade do emprego a revolução não foi desencadeada por uma explosão de insatisfação popular:

[...] mas ao resultado da ação de um grupo reduzido de insurgentes que demonstram três qualidades excepcionais: 1ª grande capacidade de organização; 2ª abertura negociadora em relação aos setores descontentes das elites, especialmente os que se concentram na rica e cosmopolita cidade de Havana [...] evitando antecipar controvérsias sobre a Cuba pós-Batista; 3ª comprometimento com os anseios dos setores populares na realização das reformas estruturais, antecipando medidas revolucionárias no decorrer do processo de luta. (AYERBE, 2007, p.38).

Percebe-se que o sucesso da ação guerrilheira dos revolucionários deveu-se em grande parte a capacidade de organização, negociação, determinação, coragem e o compromisso deles em resolver os problemas sociais do povo cubano. Estas eram as

4 No original: "En cuanto a mí, sé que la cárcel será dura como no la ha sido nunca para nadie, preñada de amenazas, de ruin y cobarde ensañamiento, pero no la temo, como no temo la furia del tirano miserable que arrancó la vida a setenta hermanos míos. Condenadme, no importa, *La historia me absolverá*." (CASTRO RUZ, 2007, p. 90).

grandes qualidades pessoais de Fidel Castro, Raul Castro, Che Guevara, Camilo Cienfuegos e Huber Matos dentre outros líderes e que os tornavam tão populares junto a população e legitimavam a sua luta política. Por esta época, em 12 de junho de 1957, é enunciado o *Manifesto da Sierra Maestra* redigido por Fidel Castro. Neste documento histórico, o líder da Revolução Cubana faz uma convocação aos seus concidadãos no sentido de que “todos os setores políticos, revolucionários e sociais” devem se unir para combater a ditadura. Lendo-se em retrospectiva este documento e sabendo-se de antemão o regime político totalitário que Fidel Castro iria implantar em Cuba, as suas palavras contidas no manifesto chegam a ser contraditórias:

O que têm de comum todos os partidos políticos de oposição, os setores revolucionários e as instituições cívicas? O desejo de pôr fim ao regime de força, as violações aos direitos individuais, os crimes infames e buscar a paz que todos desejamos pelo único caminho possível que é o direcionamento democrático e constitucional do país. (CASTRO, 1957, p.2).

Ao menos no momento em que foram escritas e divulgadas as intenções de Fidel Castro poderiam ser bem-vistas por aqueles que queriam mudanças na direção dos ventos políticos em Cuba: “Os rebeldes da Sierra Maestra não queremos eleições livres, um regime democrático, um governo constitucional? Lutamos desde 10 de março porque nos privaram destes direitos. Por desejá-los mais que todos estamos aqui.” (CASTRO, 1957, p.2). O manifesto é uma vibrante defesa da luta “pelo belo ideal de uma Cuba livre, democrática e justa”. Porém, chegam a ser proféticas as palavras de Fidel Castro sobre o regime de Fulgêncio Batista e que poderiam ser aplicadas ao próprio regime socialista implantado por ele em Cuba: “Queremos eleições [...] verdadeiramente livres, democráticas, imparciais. Porém, pode haver eleições livres, democráticas, imparciais com todo o aparato repressivo do Estado gravitando como uma espada sobre as cabeças dos opositores?” (CASTRO, 1957, p.2).

4.2 Fidel Castro e a democracia

O que teria levado Fidel Castro a agir, estando no poder, de um modo tão diferente daquele quando era apenas um jovem revolucionário e guerrilheiro? Quem pode ajudar na compreensão desta incongruência é Cláudia Hilb na sua obra *Silêncio, Cuba. A esquerda democrática diante do regime da Revolução Cubana* quando discorre sobre a “impossibilidade de dissociar o processo de nivelamento das condições, executado durante a primeira década da Revolução, com a formação de um regime de dominação

total.” (HILB, 2010, p.10-11). Ou seja, percebo que para Fidel Castro levar a cabo os seus ideais de igualdade e justiça social foi necessário manter-se no poder e para manter-se no poder foi necessário controlar o Estado para reprimir a oposição e consequentemente suprimir as liberdades democráticas e vice-versa. Para mim, esta não parece ter sido uma sequência lógica definida de antemão, mas sim opções políticas ocasionais feitas em conjunturas específicas. Um *modus operandi* semelhante ao adotado pelo Regime Militar brasileiro (1964-1985) que através de uma sequência de Atos Institucionais ampliou cada vez mais o seu poder ditatorial sobre a sociedade. As intenções de Fidel Castro podem ser consideradas louváveis do ponto de vista da equidade social, mas questionáveis na forma totalitária como iria implementá-las, conforme explica Hilb:

[...] a repressão, a ausência de liberdades civis e públicas ou a proibição de abandonar o país, vigentes em Cuba, não são epifenômenos de um regime que, por motivos incompreensíveis para as consciências democráticas, infringe de forma irritante certos direitos humanos, mas sim, formam elementos coerentes com sua natureza – com a natureza de um regime do qual não podemos dizer que viola os direitos humanos, mas que, em sua própria forma, não reconhece a existência desses direitos tal como são defendidos nas nossas sociedades liberal-democráticas modernas. (HILB, 2010, p.14-15).

Todavia, Fidel Castro não foi o único a liderar um regime considerado ditatorial. A segunda metade do século XX foi marcada por ditaduras no Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Paraguai, Peru e Uruguai. Na época era comum – no sentido de frequente – regimes políticos deste tipo no mundo, independente se eram mais alinhados à esquerda ou à direita no espectro político. Neste contexto histórico, Hilb questiona porque aqueles que se autoidentificam como democratas de esquerda têm dificuldade de se posicionar publicamente a respeito de um regime político “[...] autocrático, antilibertário, antidemocrático e repressivo[...].” (HILB, 2010, p. 13). Porém, o mais relevante na sua obra é a descrição sucinta das peculiaridades do regime político cubano em seus aspectos positivos (avanços na saúde e educação) e negativos (medo e dominação total).

O regime socialista cubano obtinha sua legitimidade perante as esquerdas latino-americanas ao “igualar as condições sociais e universalizar o acesso à saúde e à educação, rapidamente postas em prática durante a primeira década revolucionária.” (HILB, 2010, p. 14). Esse pode ser considerado um dos motivos pelos quais estas esquerdas não abordavam, criticamente, a questão dos direitos humanos em Cuba e também por considerá-los uma pauta da política externa norte-americana que objetivava apenas intervir nos países socialistas ou naqueles que estavam em vias de se tornarem socialistas.

Entretanto, diferentemente de Cuba, e de acordo Noguéról⁵ (2024), vários partidos de orientação socialista e/ou social-democrata chegaram ao poder e se mantiveram nele por vias democráticas antes da Guerra Fria. Na Europa Ocidental, por exemplo, os socialistas chegaram ao poder por meio dos partidos sociais-democratas. Originalmente, esses partidos eram representantes dos trabalhadores e se apresentavam como comunistas ou socialistas no século XIX, quando não havia entre eles uma diferença muito significativa. Na Alemanha os trabalhistas chegaram ao poder em 1918, já na Suécia, ininterruptamente, os sociais-democratas governaram de 1932 a 1986. Em vários outros países europeus, assim como na Austrália e na Nova Zelândia, chegaram ao poder na primeira metade do século XX e não produziram ameaças à democracia, revezando-se com outras forças políticas. Desde 1990, no Chile, por exemplo, a Democracia Cristã e o Partido Socialista se alternam no poder. A exceção foram os dois períodos de Sebastián Piñera e o atual governo de Gabriel Boric. Ou seja, o regime socialista em Cuba foi um caso à parte na América Latina e é importante compreender o conceito de socialismo que pode ser aplicado a este país. Segundo, Visentini (2021, p.21), “[...] um regime socialista de tipo marxista-leninista implica a existência de um partido único (ou de um partido hegemônico dentro de uma frente) que se associa ao aparelho estatal e exerce o poder como “guia” da sociedade e de seu processo de transição ao comunismo.” Visentini explica que neste caso “[...] a economia é organizada segundo o princípio do planejamento econômico central (em lugar do mercado), com a propriedade coletiva dos grandes meios de produção e a estatização dos bancos e do comércio exterior.” (*ibidem*). Este autor confirma o pensamento de Hilb (2010) quanto as características do regime socialista cubano, afirmando que a sociedade nesta forma de socialismo é englobada em um único organismo com a virtual eliminação das desigualdades onde há a “[...] universalização de políticas sociais como educação, saúde, habitação, transporte público, emprego e lazer.” (*ibidem*). Conforme Visentini, esse processo político socialista poderia ser considerado uma transição para o comunismo, com o Estado atuando mediante a força para desarticular as estruturas capitalistas e conduzir o povo e a nação ao comunismo (o *Homem Novo*). (*ibidem*). É interessante notar, que segundo este autor, o comunismo ainda não existiria, e sim o socialismo, que “[...] constitui uma fase de transição pós-capitalista, implantada através de uma revolução e caracterizada pela ditadura do proletariado.” (*ibidem*).

5 Informação passada por Luiz Paulo Ferreira Noguéról ao autor desta monografia.

5 A VIA CHILENA AO SOCIALISMO

5.1 Um início promissor

Outro notório líder socialista que surgiu na América Latina na mesma época de Fidel Castro foi Salvador Allende que entrou para a História do seu país ao tentar transformar o Chile em um país socialista por vias democráticas no curto espaço de tempo do seu governo. Na eleição presidencial de 1970, ele como candidato da Unidade Popular, conseguiu obter “[...] 36,3% dos votos, contra 34,9% de Alessandri e 27,8% de Tomié. [...] Em torno da meia-noite, quando os resultados oficiais declararam a vitória de Allende, o povo tomou as ruas para celebrar "o triunfo popular" pelo qual tantos chilenos trabalharam a vida toda [...]”. (WINN, 2010, p.65). Foi um momento de otimismo e esperança para um líder político que tinha se candidatado, sem sucesso, três vezes para a presidência da República e que finalmente chegava ao poder para tentar pôr em prática o seu inédito projeto de transição do Chile para o socialismo:

O programa da Unidade Popular vislumbrava quatro importantes mudanças estruturais que, em conjunto, lhe dariam o controle dos principais setores da economia: a recuperação das "riquezas [minerais] básicas" do país, particularmente das minas de cobre; a nacionalização dos bancos; uma reforma agrária profunda; e a socialização das principais empresas de produção e distribuição chilenas. Esses eram o cerne de "los cambios" ("as mudanças") que se tornaram sinônimo da revolução chilena. (WINN, 2010, p.73).

E ainda de acordo com Winn (2010, p.75), em apenas um ano o governo de Salvador Allende passou a controlar 90% do setor bancário do país que somente foi possível através da “[...] compra de ações dos bancos privados do Chile a preços acima do mercado, como faria qualquer especulador agressivo para adquirir uma empresa. Só que nesse caso era o governo chileno que estava fazendo a oferta de compra aos acionistas dos bancos.” (*ibidem*). A *via chilena* ao socialismo avançava rapidamente a passos largos e vários outros objetivos foram alcançados:

“[...] a inquietação e a pressão de baixo fariam a Unidade Popular acelerar sua reforma agrária, que estaria completa em dezoito meses, a mais rápida reforma agrária da história sem uma revolução violenta. Em meados de 1972, a reforma agrária estabelecida pela lei de 1967⁶ estava virtualmente completa, com 70% das expropriações realizadas pelo governo Allende durante os dezoito meses precedentes. Na ocasião, avanços importantes também haviam sido feitos na

6 A legislação da reforma agrária, aprovada em 1967 pelo parlamento, o foi em um período em que o então presidente do Chile, Eduardo Frei Montalva, era membro de um partido centrista e democrata cristão. Algumas das reformas sociais mais importantes foram aprovadas em um período anterior ao triunfo da Unidade Popular, indicando que a sociedade chilena vivia um processo de transformações sociais que antecedeu a chegada de Salvador Allende ao poder.

direção do quarto objetivo de socialização das maiores empresas de produção e distribuição ("monopólios") do país." (WINN, 2010, p.77).

O início bem sucedido do governo de Salvador Allende, entretanto, teria que enfrentar um obstáculo: apesar de a estratégia econômica adotada estar funcionando e destinada a avançar, "[...] essa revolução controlada, paulatina e sequenciada, vinda de cima [...]", segundo Winn (2010, p.83), teria que enfrentar o desafio de lidar com uma revolução vinda de baixo. As medidas do governo, de acordo com este autor, eram conseguidas por meios legais, planejados e controlados pelas autoridades competentes que sabiam o momento mais adequado para implementar cada ação no caminho da transição econômica para o socialismo. Contudo, a consecução de todo esse planejamento foi colocada em xeque "[...] pela ação de trabalhadores, camponeses e pobladores do Chile." (*ibidem*), pois eles se apropriavam ilegalmente de propriedades privadas como pedaços de terra desocupadas em áreas urbanas, fazendas rurais e até fábricas. Estavam impacientes "[...] diante da lentidão, do legalismo e das limitações da revolução vinda de cima levada a cabo por Allende." (WINN, 2010, p. 83-84).

Pode-se dizer que os integrantes desta "revolução vinda de baixo" ao apressarem o passo rumo a estatização e socialização dos meios de produção estavam na verdade atrapalhando e até mesmo boicotando as ações do governo de Salvador Allende. Winn (2010, p.85), explica que "[...] alguns desses envolvidos na revolução vinda de baixo passaram a se ver como os "verdadeiros revolucionários", e os líderes da revolução vinda de cima como meros "reformistas". Confiavam, que agindo assim, à margem da lei, não seriam reprimidos por Salvador Allende, como de fato não o foram.

É preciso lembrar, também, que Allende não era uma unanimidade entre a sua base de apoio na esquerda chilena. A oposição à sua liderança política não partia apenas da direita e dos militares, mas de muitos dos seus próprios correligionários, o que dificultava ainda mais a sua proposta de *via chilena* ao socialismo:

Os próprios líderes do seu Partido Socialista se opuseram à sua candidatura, considerando-o "demasiado burguês" e insuficientemente "revolucionário"; um social-democrata paralisado em um passado ideológico que, como os marxistas-leninistas recém-renovados, eles haviam transcendido. O MAPU⁷, repleto de ex-democratas-cristãos talentosos, via Allende como um político populista da velha guarda em uma nova era política que requeria, de preferência, o estilo moderno de um de seus líderes [...]. (WINN, 2010, p.62).

7 O Movimiento de Acción Popular Unitaria (MAPU) era o terceiro principal partido de esquerda da Unidade Popular.

Entretanto, apesar das divisões dentro da própria esquerda chilena o avanço da economia até por volta de 1971 foi incontestável. Neste ano, segundo Araújo (2018, p.119), a taxa de crescimento econômico ficou em 8,0%; a taxa de inflação caiu em relação ao ano anterior para 22,1%; a taxa nacional de desemprego caiu para 3,8%; e o incremento anual dos salários reais ficou em 22,3%. Ou seja, “[...] o governo iniciou uma forte expansão dos serviços públicos básicos, como saúde, educação, saneamento e habitação, ampliando a máquina estatal (contratando mais funcionários) e reativando a construção civil [...]” (*ibidem*). O aumento da remuneração dos funcionários públicos “gerou um grande incremento no consumo.” (*ibidem*). Ironicamente, foi a expansão da renda e o aumento do consumo que tornaram-se no calcanhar de aquiles do governo de Salvador Allende, apesar do seu início ter sido bastante promissor na área econômica:

Isso levou a redução dos estoques no primeiro semestre e ao fim da capacidade ociosa das indústrias no segundo semestre. Esse fenômeno fez com que o Chile chegasse aos últimos meses de 1971 com sinais claros de desabastecimento, mercado negro e pressão inflacionária contidas pela política de preços. (ARAÚJO, 2018, p. 132).

Ou seja, percebo que a combinação da divisão da base de apoio do governo, com a atuação de trabalhadores, camponeses e pobladores que agiam por conta própria se apropriando de propriedades privadas sem a orientação e planejamento do governo e a crise econômica que começou a surgir no final do ano de 1971 levou a uma crescente oposição a Salvador Allende por parte da direita chilena que culminou no golpe de Estado militar em 1973 que levou a sua morte, a morte do seu governo e a morte da própria democracia liberal no Chile.

5.2 Um final trágico

O dia 11 de Setembro de 2001 ficou marcado pelos maiores atentados terroristas da História dos Estados Unidos que atingiram o World Trade Center em Nova York e o Pentágono em Washington. Entretanto, outro 11 de Setembro, ocorrido 28 anos antes, em 1973, em Santiago capital do Chile também seria marcado por uma tragédia, conforme Winn (2010, p.165): o bombardeio do Palácio de La Moneda por jatos da própria Força Aérea chilena que o deixou em chamas e o consequente suicídio do presidente Salvador Allende, que interrompeu a sua vida de forma dramática, utilizando um fuzil AK-47 para atirar na própria cabeça. Era uma ironia do destino, pois “[...] Salvador Allende, que havia passado a vida toda tentando criar um caminho pacífico para o socialismo, seria lembrado

por morrer defendendo sua revolução com uma arma na mão.” (WINN, 2010, p.163). E mais significativo ainda foi o fato deste fuzil ter sido um presente dado por Fidel Castro e nele constar a seguinte inscrição: "A meu bom amigo Salvador, de Fidel, que por meios diferentes tenta atingir os mesmos objetivos". (*Ibidem*). Era o clímax de uma crise política iniciada em 1970, com a eleição do primeiro presidente socialista do Chile, e que teve um desfecho fatal para a democracia chilena. Pode-se dizer que Salvador Allende, que “[...] fora deputado, ministro, senador, presidente do Senado e três vezes candidato presidencial, (derrotado).” (WINN, 2010, p.55), era um político democrático e tradicional, pois

“[...] diferentemente de Fidel Castro, o presidente Allende chegara ao poder pelas urnas, não pelas balas, e todo o seu "processo revolucionário" foi pacífico, um consciente "caminho democrático para o socialismo", realizado com liberdade de expressão e de imprensa, e eleições multipartidárias regulares e competitivas. Na verdade, a oposição controlava o Congresso, o judiciário e a maioria da imprensa e dos meios de comunicação de massa.” (WINN, 2010, p.17).

Entretanto, o percentual de votos que ele recebeu foi relativamente pequeno para um candidato que se propunha a fazer uma revolução socialista: apenas 36,3% do total (AGGIO, 2002. p.16). Mesmo assim Allende assumiu o governo em 4 de novembro de 1970. Segundo Aggio (*Ibidem*), surgia aí a expressão *experiência chilena* “[...] com o claro sentido de indicar a opção e o desafio que se abria diante da esquerda daquele país, cujo presidente eleito e empossado anunciava a intenção de realizar a “transição ao socialismo em democracia”. A *via chilena* ao socialismo corresponde ao período em que Salvador Allende governou o Chile: 1970-1973. Foi caracterizada por uma tentativa de implantação do socialismo pela via democrática e constitucional ao invés de uma revolução violenta para derrubar o governo como ocorreu em Cuba. A *experiência chilena* foi um projeto levado adiante pela esquerda através do governo da Unidade Popular (UP):

Contrastando com os modelos anteriores de construção do socialismo, o discurso que sustentava o projeto estratégico do governo encabeçado por Salvador Allende, sempre explicitado na fala do presidente, enfatizava a ideia de que o desenvolvimento econômico, a estrutura institucional, a organização social e sobretudo as condições políticas do Chile permitiam a adoção de “um segundo caminho para o socialismo”, “dentro dos marcos do sufrágio, em democracia, pluralismo e liberdade. (AGGIO, 2002, p.16).

Porém, esta visão da realidade política e social do Chile, levou a um golpe de Estado em 1973 que conduziu Augusto Pinochet ao poder e pôs fim ao governo da Unidade Popular com o trágico suicídio de Salvador Allende. Ficou constatado a impossibilidade da instauração de um regime político socialista, com suas peculiaridades únicas no Chile, através da democracia. A postura antiimperialista, anti-oligárquica e

antimonopolista do governo encontrou considerável oposição na direita chilena: “Após a vitória eleitoral da UP, a extrema direita desencadeou uma tentativa de desestabilização política que culminou no assassinato do comandante-chefe do Exército chileno, general René Schneider”. (AGGIO, 2002, p. 16). Vejo que na democracia constitucional o Estado garante, através da legislação, a existência de poderes independentes e harmônicos entre si, amplos direitos políticos e liberdade de expressão, associação e reunião. Isto quer dizer que há garantia de pluralidade de pensamento político e econômico e de propostas de governo que incluem, inexoravelmente, os partidos e movimentos de direita. O que seria um impeditivo para o avanço do programa de governo da Unidade Popular que propunha um caminho específico para o desenvolvimento social e econômico do Chile ao “prosseguir a industrialização substitutiva mediante o processo de nacionalizações e estatizações” (AGGIO, 2002, p. 24), que entrava em choque com os interesses da iniciativa privada. Ora, se há democracia, há também oposição de ideias e logo a direita política se posicionou:

No raciocínio da direita, democracia e socialismo eram e continuariam a ser incompatíveis. O discurso e a proposta que ascendeu ao governo com Salvador Allende foram, para ela, apenas uma forma camuflada, permitida pelo sistema político chileno, de o movimento comunista internacional agir no sentido de levar o Partido Comunista ao poder e, com isso, estabelecer a ditadura do proletariado. O Chile vivia, segundo a direita, um insanável antagonismo. Os acontecimentos do período apenas revelavam que o socialismo, para prevalecer, só poderia fazê-lo destruindo a democracia. (AGGIO, 2002, p. 29).

A direita política chilena considerava o socialismo como uma ameaça ao sistema democrático e os militares também tinham o seu próprio posicionamento ideológico a respeito, pois consideravam a si mesmos como criadores e guardiões do Estado e da nação:

Devido ao seu papel na luta de libertação, os militares se consideram os criadores primeiro da nação e depois do Estado. Para eles, a nação é a própria pátria, ou seja, uma forma abstrata de mãe cultural e geográfica que não existiria sem eles. É por isso que não podem fazer parte da nação, nem do Estado, como entidades subordinadas.. (BUITRAGO, 2003, p. 84).⁸

Segundo Buitrago (2003, p. 75), os militares seguiam a Doutrina de Segurança Nacional que era uma concepção militarista do Estado. Ou seja, eles teriam legitimidade para ocupar as instituições estatais e combater os supostos “inimigos internos” da nação,

8 No original: “Debido a su protagonismo en la gesta libertadora, los militares se consideran los creadores primero de la nación y luego del Estado. Para ellos, la nación es la patria misma, es decir, una forma abstracta de madre cultural y geográfica que sin ellos no existiría. Por eso no pueden ser parte de la nación, y tampoco del Estado, como entes subordinados. (BUITRAGO, 2003, p.84).

que seriam agentes locais do comunismo internacional. Esses inimigos poderiam ser quaisquer pessoas, grupos e até instituições que tivessem ideias opostas às dos militares. Segundo o autor os problemas sociais eram vistos como manifestações subversivas.

Ademais, os EUA adotaram uma estratégia de contenção da influência do comunismo na América Latina através da dissuasão por meio do poder militar, sendo que “[...] desde 1947, o TIAR havia estabelecido uma divisão do trabalho de segurança entre os Estados Unidos e a América Latina: este país se preocuparia com o problema global e esta área com os conflitos internos de cada nação.”(BUITRAGO, 2003, p. 80).⁹ Isto quer dizer que os norte-americanos se encarregariam de conter o avanço do socialismo em escala mundial e os latino-americanos o deteriam a nível regional em seus próprios países. Este posicionamento político dos EUA validava a tomada do poder pelos militares, sob o argumento de que estariam salvando as suas respectivas pátrias do perigo do comunismo: “No Chile, a doutrina ajudou a legitimar o golpe de 1973 [...] Uma vez no poder, os militares chilenos adaptaram ao seu modo a Doutrina herdada de seus vizinhos.” (BUITRAGO, 2003, p. 81).¹⁰

Constato que a *via chilena* ao socialismo fracassou no Chile porque almejou fazer reformas estruturais e econômicas que eram inviáveis a longo prazo em um país onde havia considerável oposição de militares, empresários e partidários da direita. Além disso, o Chile estava na órbita de influência dos EUA, o país que, teoricamente, atribuía a si a missão de deter o avanço do socialismo para que este, supostamente, não viesse a substituir o capitalismo e a democracia. Já em Cuba, por exemplo, o socialismo triunfou porque seguiu um caminho diferente a partir de 1959 quando Fidel Castro, Raul Castro, Che Guevara e Huber Matos derrubaram o governo de Fulgêncio Batista, encerrando a interferência dos EUA em Cuba e posteriormente se aproximando da URSS. Neste caso específico, foi necessário acabar com o capitalismo e o sistema político vigente no país através de uma revolução armada para que o socialismo chegasse ao poder e sobrevivesse durante décadas.

9 No original: “[...] desde 1947, el Tiar había establecido una división del trabajo de seguridad entre Estados Unidos y América Latina: aquella nación se preocuparía por el problema global y esta área por los conflictos internos de cada nación.”(BUITRAGO, 2003, p. 80).

10 No original: “En Chile, la doctrina ayudó a legitimar el golpe de 1973 que, según sus gestores, sirvió para evitar la revolución que intentaba adelantar el presidente socialista Salvador Allende. Ya en el poder, los militares chilenos ajustaron a su modo la Doctrina heredada de sus vecinos”. (BUITRAGO, 2003, p. 81).

6 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS DOIS REGIMES

É possível elencar uma série de semelhanças entre o regime político chileno de Salvador Allende e o de Fidel Castro: ambos partilhavam da mesma ideologia de esquerda, apesar de algumas peculiaridades; se opunham ao imperialismo americano defendendo uma maior soberania nacional; promoveram políticas públicas voltadas para a justiça social; foram alvo de forte oposição interna e externa; e tanto Fidel quanto Allende se tornaram símbolos da esquerda latinoamericana. Havia, porém, notáveis diferenças entre esses dois líderes e seus respectivos regimes políticos no que diz respeito a forma de chegada ao poder; no sistema político adotado; na relação com os militares de seus próprios países; no alinhamento ou não com a URSS na esfera internacional; e principalmente no fim que teve cada governo. Pode-se dizer que ambos almejavam uma revolução socialista, mas cada um trilhando um caminho que consideravam mais apropriado para chegar a este fim.

A semelhança mais marcante entre Fidel Castro e Salvador Allende era o fato de serem aliados políticos e amigos próximos. Compartilhavam do mesmo ideal socialista de uma sociedade mais igualitária. Uma boa forma de avaliar a intenção de ambos é analisando os discursos que eles proferiram. Ao menos o que disseram publicamente e ficou registrado para a posteridade. Em 5 de setembro de 1970, Salvador Allende proferiu o famoso “Discurso da vitória” no qual dizia, humildemente, que era apenas um homem com todas as suas fraquezas e debilidades que suportou todas as derrotas sem desejo de vingança:

A vitória alcançada por vocês tem uma grande e profunda significação nacional. Declaro daqui, solenemente, que respeitarei os direitos de todos os chilenos. Mas também declaro, e quero que saibam definitivamente, que ao chegar ao Palacio de La Moneda, sendo o povo governo, cumprimos o compromisso histórico que fizemos de transformar o programa da Unidade Popular em realidade.
(SAFATLE, p.05, 2022).

Dando continuidade ao discurso, Salvador Allende reitera que apesar do seu propósito não ser a vingança ele também não vai abrir mão de cumprir as promessas do programa da Unidade Popular e que seu governo é o primeiro autenticamente revolucionário da história do Chile. Reconhece, entretanto, que se a vitória não foi fácil, mais difícil seria construir uma nova sociedade e uma nova convivência social. Vejo que é possível notar, analisando esse discurso, que as palavras de Allende soam persuasivas e tocam nos sentimentos e emoções dos chilenos que o elegeram presidente. Contudo, ele

não atribui apenas a si mesmo a missão de transformar o país, mas também aos próprios chilenos dizendo que “[...] terão a responsabilidade histórica de realizar o que o Chile anseia para se tornar um país sem igual no progresso, na justiça social, nos direitos de cada homem, de cada mulher, de cada jovem da nossa terra.” (SAFATLE, 2022). Percebo, lendo o discurso na íntegra, que foram escolhidas palavras precisas na sua redação para atingir o âmago dos chilenos que desejavam mudanças profundas na estrutura econômica e social do seu país. Além disso, várias frases de efeito foram utilizadas conferindo uma beleza quase poética ao pronunciamento de Allende: “[...] neste momento de júbilo, expressei meu reconhecimento emocionado aos homens e às mulheres [...]”; “Milhares e milhares de chilenos semearam sua dor e sua esperança nesta hora, que pertence ao povo.”; “ A revolução não implica destruir, mas construir; não implica arrasar, mas edificar”; “ Companheiras e companheiros, amigas e amigos [...].”; “Vocês vão para os seus trabalhos amanhã ou na segunda-feira, alegres e cantando; [...]”; e “ Com as mãos calejadas do povo, as ternas mãos da mulher e o sorriso da criança, tornaremos possível a grande tarefa que só um sonho responsável poderá concretizar.” (SAFATLE, 2022).

Retórica à parte, Allende não esqueceu de confrontar os capitalistas e empresários conforme Safatle (2022): “Triunfamos para derrotar definitivamente a exploração imperialista, para acabar com os monopólios, para fazer uma profunda reforma agrária, para controlar o comércio de exportação e importação, para enfim nacionalizar o crédito [...]”. Esse discurso proferido por Allende logo após uma limitada vitória eleitoral demonstra as intenções que iriam nortear suas ações durante os seis anos do seu mandato presidencial.

Outro discurso importante que vale a pena ser analisado foi aquele pronunciado por Fidel Castro em 8 de janeiro de 1959 quando ele chegou à Havana, capital de Cuba, na condição de Comandante-em-Chefe da revolução vitoriosa que tinha liderado. Ele atribuiu a vitória ao povo, afirmando que a ditadura foi derrotada e que o dever de todo revolucionário é dizer a verdade e não enganar o povo com enganosas ilusões e excesso de otimismo (CASTRO RUZ, 1959, p.1). Esse discurso, contudo, apresenta uma séria contradição de Fidel Castro, seja ela consciente ou não: ele promete em vários momentos aquilo que como líder máximo de Cuba não fará. É uma incongruência que ele afirme no início do discurso: “E por isso quero começar —aliás, continuar— com o mesmo sistema: o de falar sempre a verdade para o povo.” (*ibidem*).

Se Fidel Castro acreditasse em outro conceito de democracia, além da representativa e liberal, não haveria a princípio, nenhum problema ético em apresentar ao povo essa proposta de democracia. Ele defende, entretanto, justamente o sistema de governo que não vai adotar e implantar em Cuba. Aquele que seria baseado em eleições regulares, liberdade de voto, liberdade de imprensa e respeito máximo a opinião pública (CASTRO RUZ, 1959, p.6).

Na análise da índole de Fidel Castro é interessante conferir maior atenção a um fato mencionado por ele no discurso. Dois dias antes teria havido uma retirada de armas por parte de membros de uma organização, combatentes da própria revolução, que levaram do quartel San Antonio, sob a jurisdição de Camilo Cienfuegos, 500 armas, 6 metralhadoras e 80 000 balas. (CASTRO RUZ, 1959, p. 8). Para Fidel foi uma “sacanagem” e um ato de “provocação injustificável”. As armas deveriam permanecer apenas nos quartéis. Ao que parece ele temia que estas armas fossem usadas contra ele em algum momento em um ato de contestação à sua posição de “Comandante-em-Chefe de todas as forças”. As palavras que ele proferiu combatendo essa atitude é reveladora do seu próprio caráter contraditório e vale a pena fazer a citação direta das suas palavras:

E é por isso que não nos deixamos nem provocar, deixamo-los tão tranquilos por esse roubo de armas, roubo injustificado, porque aqui não existe ditadura, e ninguém tem que nós nos convertamos em ditadores, e vou lhes dizer por que, vou dizer-lhes: converte-se em ditador aquele que não tem o povo e tem que recorrer à força, porque não tem votos no dia que tenha que concorrer (APLAUSOS). Não nos podemos tornar ditadores os homens que vimos tanto carinho no povo, um carinho unânime, total e absoluto no povo; além dos nossos princípios, porque jamais incorreremos na grosseria de ostentar pela força uma posição, porque repugnamos isso, que por algo fomos os porta-estandartes desta luta contra a asquerosa e repugnante tirania (APLAUSOS).
(CASTRO RUZ, 1959, p.8, grifo nosso.)

Sendo assim, podemos compreender que apesar da similaridade de pensamento entre Fidel Castro e Salvador Allende no tocante aos objetivos sociais que defendiam, os caminhos seguidos por ambos para chegar ao poder e nele permanecer foram bem distintos. Fidel Castro, como um guerrilheiro rebelde, lançou mão da luta armada para derrubar Fulgêncio Batista e se tornar o governante de Cuba. Depois implantou um regime socialista de partido único com forte centralização do poder e sem eleições livres e regulares com a participação de vários partidos, conforme prometido por ele. Além disso, Fidel Castro tinha o apoio das Forças Armadas Revolucionárias (FAR) e no plano internacional se aliou à União Soviética para melhor defender Cuba da interferência dos Estados Unidos. Agindo assim, ele governou Cuba por praticamente meio século (1959-

2008), primeiramente como Primeiro-Ministro (1959-1976) e depois como presidente do Conselho de Estado e do Conselho de Ministros (1976-2008).

Já Salvador Allende, foi eleito presidente do Chile pelo voto popular em 1970, dentro das regras constitucionais vigentes e não rompeu laços com a democracia representativa e suas instituições. Embora, Salvador Allende fosse socialista não se afastou completamente dos países ocidentais, nem do sistema capitalista internacional, apesar de tentar manter uma certa autonomia. E por fim, enfrentou uma crescente resistência por parte das Forças Armadas do Chile ao seu governo que ainda estava na metade, em 1973, quando foi derrubado por um golpe de Estado que levou ao fim a *via chilena* ao socialismo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve estudo no formato de monografia é possível compreender alguns aspectos de dois dos mais famosos regimes políticos socialistas que existiram na América Latina durante a Guerra Fria. Consideráveis livros, trabalhos acadêmicos e matérias jornalísticas já foram publicados sobre a experiência socialista no Chile de Salvador Allende e em Cuba de Fidel Castro e provavelmente o continuarão a ser. Há fatos históricos que podem ficar eternizados na História de tão marcantes que foram e de tanta influência que exerceram em suas respectivas épocas, respeitando-se naturalmente as devidas proporções de cada um e o seu respectivo raio de influência. Por esse e outros motivos nunca é tarde ou exagerado analisar estes dois regimes políticos do ponto de vista histórico.

Formulei, inicialmente, um pertinente problema de pesquisa, ou seja, uma questão interrogativa a qual busquei uma resposta no decorrer do desenvolvimento deste trabalho acadêmico: por que o regime político socialista triunfou em Cuba e fracassou no Chile em relação a permanência no poder? Também foram elaboradas duas hipóteses sobre esta questão: o socialismo real não foi compatível com a liberal democracia moderna adotada em parte dos países capitalistas; e a implantação e manutenção de um regime socialista, do tipo marxista-leninista, foi um ato autoritário.

A questão formulada levou-me à conclusão de que vários fatores – políticos, econômicos, sociais e a conjuntura internacional – foram determinantes para o tempo de duração de cada regime político analisado. No Chile, entre 1970-1973, o *via chilena* ao socialismo, teve uma curta duração em decorrência de uma crescente crise econômica e da considerável oposição que o presidente eleito, Salvador Allende, teve que enfrentar por parte dos partidos de oposição, setores organizados da sociedade, militares, e no plano internacional pelos Estados Unidos, culminando com um golpe de Estado. Já em Cuba, de 1959 até os dias atuais, o regime socialista se perpetua por ter sido implantado mediante uma revolução armada que mudou substancialmente a estrutura política, econômica e constitucional daquele país. Sob a forte e carismática liderança de Fidel Castro e através do controle da população pelas Forças Armadas Revolucionárias (FAR), além da proteção e ajuda da União Soviética – enquanto existiu – o regime político não foi abalado e nem derrubado.

As duas hipóteses levantadas foram confirmadas pela banca examinadora após a defesa na monografia: o socialismo real, aquele colocado em prática no Chile e em Cuba, não foi compatível com a liberal democracia moderna adotada em parte dos países capitalistas. Contudo, no Chile quem pôs fim a democracia liberal foram os militares e não Salvador Allende. Já a segunda hipótese confirma que a implantação e manutenção do regime socialista em Cuba, do tipo marxista-leninista, foi necessariamente um ato autoritário.

O objetivo amplo desta monografia foi abordar temas – democracia, tipos de socialismo, lideranças políticas – que são necessários para se compreender a história contemporânea e do tempo presente. O que ocorreu no Chile e em Cuba – a implantação de um regime autoritário – continua até hoje em dia emitindo ecos na sociedade e ressoando na política de países latinoamericanos como o Brasil.

As fontes primárias consultadas para a realização desta monografia – o *Manifesto da Sierra Maestra*, o discurso *La Historia me absolverá*, o *Discurso da vitória* e o discurso proferido por Fidel Castro em 8 de janeiro de 1959 – foram imprescindíveis para se compreender as intenções políticas, objetivos e até mesmo traços de personalidade de quem os proferiu, ou seja, Salvador Allende e Fidel Castro. Na leitura integral destes documentos históricos – apesar de apenas alguns trechos terem sido citados – foi possível examinar o vocabulário utilizado, os recursos de persuasão, as promessas, os temores, os anseios e a relação entre a linguagem utilizada e a ideologia e visão de mundo de Fidel Castro e Salvador Allende, assim como as contradições, os silêncios, as inverdades e o contexto social e cultural da época, sendo possível captar o sentido das palavras ditas. Neste aspecto, o historiador Russell-Wood (1998, p.8) já afirmava a importância deste tipo de interpretação: “O papel do historiador é interpretar as fontes históricas e chegar o mais objetivamente possível a conclusões que vão ensinar gerações presentes e futuras sobre as lições do passado”.

Fidel Castro, por exemplo, tinha uma característica bem peculiar no tocante a oratória, que era o de falar muito e com relativa frequência. Segundo, Rodrigues (2024, p.33) o líder cubano teria proferido entre 1.050 e 1.150 discursos entre 1959 e 2006, sendo que os seus discursos “[...] se confundem com a própria história contemporânea de Cuba [...]”. (*ibidem*). Ainda de acordo com Rodrigues (2024, p. 34), esta seria uma forma de “ [...] legitimação política e ideológica do regime instituído após a deposição de Fulgêncio Batista” e os seus pronunciamentos “[...] se tornaram mecanismos de

construção e transmissão de memórias ao empregarem recursos retóricos que visavam estabelecer vínculos emotivos e racionais com as plateias.” (RODRIGUES, 2024, p. 35). Nesta monografia, porém, apenas três de alguns dos principais pronunciamentos de Fidel Castro foram citados e analisados criticamente, pois o objetivo não foi fazer uma análise de conteúdo mais ampla e aprofundada. Contudo, é possível entender que estes discursos de apelo às massas foram fundamentais para ajudar Fidel Castro a permanecer no poder durante décadas.

Salvador Allende também tinha habilidades retóricas como ficou demonstrado no seu *Discurso da Vitória* pronunciado em 5 de setembro de 1970 após a vitória nas urnas : “É com profunda emoção que falo a vocês desta improvisada tribuna e com estes precários amplificadores” (Safatle, 2022) e “ Peço a vocês que compreendam que sou apenas um homem, com todas as fraquezas e debilidades que um homem tem [...]” (*ibidem*). O que chama a atenção, para mim, nestas palavras é a simplicidade e linguagem acessível utilizada por Salvador Allende, sem o uso de termos técnicos que provavelmente não seriam compreensíveis para a imensa maioria do povo que o ouvia.

Um aspecto fundamental sobre o tema desta monografia e que pode inspirar uma maior reflexão a respeito é sobre o passado, o presente e o futuro da democracia liberal como sistema político. Atualmente, na segunda década do século XXI, este conceito de democracia que contempla eleições regulares baseadas no voto popular, pode levar a variados questionamentos: haveria outro modelo de democracia mais adequado do que a democracia liberal? Quais seriam as características desta “nova” democracia? Ela seria considerada legítima? Este é um amplo debate ao qual os países e sociedades latinoamericanas não podem fugir, pois têm surgido governos, movimentos políticos e até instituições de Estado – que representam com suas ações – um verdadeiro desafio não somente para a democracia liberal como também para a separação e independência entre os três poderes que compõem uma república moderna: o governo de Nicolás Maduro na Venezuela, o bolsonarismo e o próprio Poder Judiciário no Brasil. Olhar para o passado e analisá-lo criteriosamente, como foi feito brevemente nesta monografia em relação a “Democracia e socialismo em Cuba de Fidel Castro e no Chile de Salvador Allende” é necessário para que os erros que levam as democracias à morte e conduzem a ditadura não sejam repetidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGGIO, Alberto. **Democracia e socialismo**: A experiência chilena. São Paulo: Annablume, 2002.
- ALLENDE, Salvador. **A revolução desarmada**: discursos de Salvador Allende. Organização: Vladimir Safatle. Ubu Editora: 2022.
- ARAÚJO, Paulo Fernando Lara Pereira de. Do sucesso ao esgotamento: a política econômica do governo de Salvador Allende. **Caminhos da História**, Unimontes – MG, v.23, n.2, p. 117-137, jul./dez.2018.
- AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- BITRAGO, Francisco Leal. La doctrina de seguridad nacional: materialización de la guerra fría em América del Sur. **Revista de Estudios Sociales**, nº 15, p. 74-87, jun. 2003.
- CASTRO, Fidel. **Manifesto da Sierra Maestra**. 1957. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Manifesto-de-Sierra-Maestra.pdf> Acesso em: 7 dez. 2024.
- CASTRO RUZ, Fidel. Discurso proferido pelo Comandante-em-Chefe Fidel Castro Ruz à sua chegada a Havana, na Cidade Liberdade, em 8 de janeiro de 1959. Disponível em: <http://www.fidelcastro.cu/pt-pt/discursos/discurso-proferido-pelo-comandante-em-chefe-fidel-castro-ruz-sua-chegada-havana-na-cidade>. Acesso em: 10 maio 2025.
- CASTRO RUZ, Fidel. **La historia me absolverá**. Ciudad de La Habana-Cuba: Editorial de Ciencias Sociales, 2007. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20191016101300/la-historia-me-absolvera-fidel-castro.pdf> Acesso em: 5 dez. 2024.
- FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 47, p.29-60, 2004. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a03v2447.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2024.
- HILB, Claudia. **Silêncio, Cuba**. A esquerda democrática diante do regime da Revolução Cubana. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Editora Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso** – Princípios e procedimentos. 5ª ed. Editora Pontes, 2005.
- PRADO, Giliard da Silva. Dossiê: festas, cultura e ambiente no caribe – A festa revolucionária como tempo da memória: As comemorações do 26 de julho em Cuba

(1959-2013). **Revista Brasileira do Caribe**, São Luís-MA, v. XIV, nº 27, p. 11-42, jul/dez. 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

PROST, Antoine. Os fatos e a crítica histórica, *in*: Doze lições sobre a história. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2012, 2ª ed. p. 53-95.

RODRIGUES, Bruno Romano. Palavra e poder: os discursos de Fidel Castro como fontes Históricas (1959-1976). **Extraprensa**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 30-56, jan/jun. 2024.

RUSSEL-WOOD, A.J.R. Rotas entre o Brasil e o Império: uma conversa com A.J.R. Russell-Wood. **Tempo**, Rio de Janeiro, v.3, n. 6, p. 229-241. 1998. Disponível em: <https://www2.historia.uff.br/tempo/wp-content/uploads/2024/11/entres6-1.pdf>
Acesso em: 26 maio 2025.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **Por que o socialismo ruiu?** De Berlim a Moscou – 1989-1991. São Paulo: Edições 70, 2021.

WINN, Peter. **A Revolução Chilena**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.